

PROTEJA
ESTA CASA RETRATOS DAS MORADAS BRASILEIRAS



PROTEJA

ESTA CASA RETRATOS DAS MORADAS BRASILEIRAS

PROTEJA
ESTA CASA RETRATOS DAS MORADAS BRASILEIRAS

Fotografias de Francisco Moreira da Costa

P967 Proteja esta casa: retratos das moradas brasileiras /
fotografias: Francisco Moreira da Costa; textos de
Guacira Waldeck, Ricardo Gomes Lima e Myriam
Moraes Lins de Barros. -- Rio de Janeiro : IPHAN,
CNFCP, 2009.
48 p. : il. -- (Galeria Mestre Vitalino)

ISBN

Catálogo da exposição realizada na Galeria Mestre
Vitalino no período de 25 de junho a 27 de setembro
de 2009.

1. Habitação popular – Brasil – Fotografia. I. Costa,
Francisco Moreira da, fot. II. Waldeck, Guacira. II. Lima,
Ricardo Gomes. III. Barros, Myriam Moraes Lins de.

CDU 728.1(81)

2009

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Ministério da Cultura



Apresentação

Fazer pesquisa de campo é parte essencial do trabalho desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. É na observação de campo que identificamos fontes de informação, estabelecemos análises e entendimentos acerca de diferentes grupos sociais e processos culturais.

É com foco nos indivíduos e na análise do ethos que nos propomos produzir conhecimento acerca da diversidade de contextos sociais e culturais que conformam a sociedade brasileira.

Ethos que, para os antigos gregos, significava a morada do homem, o lugar marcado pela atividade humana que transforma a natureza e produz cultura.

O trabalho de campo invade as moradas. Somos recebidos nas casas de artistas, artesãos, músicos e foliões. Convidados a comer e beber, a entrar em suas vidas. Muitas vezes é essa “invasão” a convite que nos oferece informações preciosas, não apenas na conversa mais íntima, mas também na observação do gesto cotidiano, da movimentação doméstica e da ocupação daquele espaço que o anfitrião e sua família nos oferecem generosamente. Esta mostra apresenta ao público, no âmbito do Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro – FotoRio 2009, um olhar sobre esses espaços invadidos pelas lentes do fotógrafo Francisco Moreira da Costa, que, participando das pesquisas de campo realizadas por este Centro, buscou ainda outras “invasões”, suas, procurando, pela linguagem fotográfica, tecer suas próprias interpretações sobre a diversidade das moradas brasileiras.

Claudia Marcia Ferreira

diretora | Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular



Posso entrar na sua casa e fazer uma foto?

Guacira Waldeck e
Ricardo Gomes Lima

O carioca Francisco Moreira da Costa veio ao mundo em 1960 e diz que desde a meninice gostava de olhar dentro da casa das pessoas: “eu não vou reparar na sua roupa, mas, se eu for na sua casa, eu reparo”. Coisa de criança bisbilhoteira. É quase certo que, naqueles tempos, o menino não imaginasse que um dia pudesse ter legitimada sua curiosidade e, munido de máquina fotográfica, fosse reunir a coleção de olhares que ora expomos na Galeria Mestre Vitalino.

É interessante traçar o curso da formação desta coleção, que abrange o período de 2001 a 2009. Como fotógrafo, Francisco da Costa ingressou em 1987 no Centro de Preservação da Funarte, onde conquistara, aliando sua bagagem anterior como estudante de química e estudioso de técnicas do processo fotográfico, sólida formação na conservação de acervo e reprodução de imagens do século 19. De 1988 a 1989, estudou no Rochester Institute of Technology e na George Eastman House (International Museum of Photography and Film). Experiências que o seduziram pelo domínio da técnica de daguerreotipia, tornando-se um estudioso do assunto e mesmo um bem sucedido daguerreotipista em pleno século 21, ao conseguir adaptar a técnica para produzir um trabalho voltado para o registro de objetos que caíram em desuso com o avanço da tecnologia: uma máquina de escrever, um celular antigo, uma lamparina ou um cesto de palha, “coisas que foram substituídas, mas não deixaram de existir”.

Ao ingressar no CNFCP, o seu desafio era outro. Sair em campo com os pesquisadores da instituição com o propósito, sobretudo, de fazer o registro etnográfico do processo de criação e modo de

vida de artistas e artesãos, coletividades e grupos que participam dos projetos de pesquisa e documentação da instituição, como o programa Sala do Artista Popular e o Programa de Apoio a Comunidades Artesanais.

Também foi responsável pelo registro fotográfico de cunho etnográfico do projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular, que se instituiu em 2001, por meio do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, quando, então, pôde registrar jongueiros, baianas do acarajé, devotos do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro, o fazer artesanal nas casas de farinha, entre outros. Em 2000, a atividade no Centro o estimulou a ingressar no curso de especialização “Fotografia como instrumento de pesquisa nas Ciências Sociais”, da Universidade Cândido Mendes.

Nas pesquisas etnográficas para projetos institucionais, artistas e artesãos abrem hospitaleiramente as suas casas para pesquisadores e o fotógrafo, o que propicia um raro momento de convívio, de troca, de conversas, sendo, de modo geral, o lugar onde parte da entrevista acontece, seja numa coletividade ribeirinha no Pará ou no norte de Minas Gerais, seja nas casas de famílias de artesãos no Vale do Ribeira (SP) ou no agreste pernambucano, ou, ainda, pelas ruas de Rio de Contas (BA) ou de Taiobeiras, no Vale do Jequitinhonha (MG). Certos objetos dentro de casa ora traduzem a fé de seu morador, ora o apreço pela água fresquinha que se evidencia no cuidado como os potes são arrumados num móvel – fruto do projeto desenvolvido em Candeal (MG), uma cozinha expõe panelas que cintilam de tão limpas. Certamente, essa experiência do registro etnográfico aguça o olhar do fotógrafo que tem interesse especial em aproveitar as margens da atividade institucional, tornando a fotografia de casas em diversas áreas do país um tema de seu interesse pessoal.

Talvez tenhamos a casa como o significante disponível para exploração do fotógrafo, em sua sede de identificar peculiaridades que se insinuam em diferentes arranjos, seja numa sala, num

banheiro, num quarto, numa varanda. Ali, certos objetos ganham relevo. Um pote de barro bem guardado, a imagem de devoção do morador, o plástico em flor que adorna o móvel, os retratos de parentes na parede.

Certamente ainda haja, aqui, o frescor daquela curiosidade infantil – uma curiosidade hoje filtrada pelo olhar bem educado do estudioso de imagens de grandes fotógrafos, do pesquisador arguto do mundo da fotografia, do documentalista de campo que, pouco a pouco, foi se identificando com a antropologia visual.

Esta mostra, além do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, reúne a coleção que Francisco Moreira da Costa coligiu durante as pesquisas para a instituição a partir da paixão que se instalou no seu cotidiano; daí a presença de casas de amigos, parentes, vizinhos ou pessoas totalmente desconhecidas, que, hospitaleiras, abriram suas moradias diante da pergunta, após uma breve explicação do trabalho que sublima aquela curiosidade da meninice: “posso entrar na sua casa e fazer uma foto?”



Sua casa, sua cara: fotografias de Francisco Moreira da Costa

Myriam Moraes Lins de Barros
Doutora em antropologia social
Professora Titular da ESS/UFRJ

O fotógrafo retém, nas imagens fotografadas, um instante do desenrolar do tempo. O momento retratado é uma leitura possível do espaço que, reproduzido nas fotos, se oferece a outras interpretações a cada novo observador. A imagem fixada na fotografia é um substrato sobre o qual outras leituras do tempo e do espaço retratados podem ser feitas. Cada observação poderá revelar outra narrativa diferente daquela que estava presente no propósito original do fotógrafo.

O autor da imagem fotográfica é dotado de intenção e desejo, escolhe o quê e como fotografar. Na composição de enquadramento, na definição da luz e do foco, o fotógrafo decide o espaço e o tempo certo que recorta e reconstrói em uma narrativa visual. No processo de impressão, novas intenções completam o trabalho inicial. Altera-se a forma e o sentido com o maior ou menor contraste de luz e sombra, com dimensões variadas da ampliação e com cortes efetuados sobre a imagem original.

A técnica de fotografar não é neutra. É, ao contrário, uma linguagem pela qual o fotógrafo elabora uma interpretação do real, atribuindo-lhe significados que se materializarão na imagem. Desde a seleção do objeto até o seu registro em imagem, o fotógrafo realiza um esforço de conhecimento e de síntese. Não se fotografa qualquer coisa, mas aquilo que se quer destacar da fluidez da existência cotidiana. O olhar está dirigido para alguns cenários e para alguns personagens enquadrados de uma forma específica, visualizados em um ângulo e uma luz determinados. Estas escolhas parecem realizar a condensação de algumas ideias e expressar alguma deliberação, construindo uma imagem-símbolo.

Já está presente na intenção de deixar a imagem no papel fotográfico, como documento de um fragmento de tempo e de espaço, a necessidade, ou o desejo, de amanhã lembrar esse instante. A imagem é uma pista para decifrar uma história e construir um relato de memórias. Na verdade, a imagem representa a prova e o testemunho da existência daquele tempo e espaço, de pessoas e paisagens.

As fotos de família são, certamente, exemplos de imagens condensadoras de representações sociais. Seleccionadas em álbuns, expostas nas paredes ou sobre os móveis; guardadas em armários; arquivadas em meio digital, as fotografias de família contam histórias sobre relacionamentos e sobre sentimentos.

Algumas das fotografias de família ganham um poder sintético de tal ordem que acabam adquirindo o status de emblema familiar. São reproduzidas e distribuídas entre os familiares, mas nem assim são imunes a outras e distintas interpretações a cada exame minucioso. Que imagens serão as escolhidas e as preferidas para narrar as histórias de famílias e de seus personagens? Se a pretensão é construir uma história definitiva, a decisão de quais fotografias escolher é imensamente difícil.

A eleição das fotografias para construção de histórias obedece a alguns critérios. Os rituais familiares são os mais presentes nos acervos de família. Nas paredes descascadas das salas estão as fotos de grupos e de personagens familiares em momentos rituais. Os casamentos, os batizados e os enterros, assim como as imagens dos filhos em diferentes momentos, atestam a passagem do tempo, os diferentes momentos do curso da vida e da trajetória familiar. E reafirmam a família como um valor social.

As fotografias das casas têm, também, este dom sintético. Conseguem descrever o espaço e os laços familiares.

As fotografias de interiores de casas de Francisco da Costa narram histórias de famílias de diferentes lugares e situações sociais.

Aparentemente, mas só aparentemente, as imagens de salas, cozinhas e quartos das casas espalhadas pelo país afora não têm um narrador que nos indique o sentido daqueles objetos dispostos na cena fotografada ou a razão da presença ou ausência dos personagens daquela história.

Há um discurso pleno de intenções estéticas e descritivas nas fotografias de Francisco da Costa. O ambiente do interior das casas é observado a partir de um ângulo capaz de dar a noção das relações entre objetos e entre os objetos e os personagens, atores da história narrada através das imagens. Reconhecemos as histórias de genealogias, os sentimentos religiosos, o valor das tradições, a vivência da pobreza e do cotidiano dos grupos familiares. O reconhecimento é nossa capacidade de leitura destas imagens como espaços da casa e da família. A necessidade de um narrador que dê às imagens fotografadas alma e identidade é de certa forma cumprida pela primeira leitura emocional dos ambientes retratados.

Este reconhecimento emocional é favorecido pela linguagem visual definida pelo fotógrafo. As cores vermelhas de terra e telha predominam nas imagens de salas, cozinhas e quartos, contrastando com o azul intenso ou com as cores fortes dos panos coloridos que cobrem as paredes de barro das casas, muitas vezes toscas e pobres. A luz que penetra entre as telhas e que vem na contra-luz da abertura de janelas e portas é intencional. A casa está lá, mas o que seleccionar deste ambiente requer uma prévia intenção, meio etnográfica, meio estética.

A idéia de transformação estrutura a narrativa visual. As salas transformam-se em santuários familiares. Imagens de santos e fotografias de família se misturam na mesma parede e constroem pequenos altares. A cama sofre também essa mutação quando ali são expostas fotografias. Qual a razão de fotos estarem ali, sobre a colcha? Devemos buscar as respostas para esta pergunta com aqueles que deram à cama, lugar de repouso e de sexo,

uma outra função. Há, contudo, uma pista oferecida pela percepção do fotógrafo que nos indica a possibilidade, sempre presente, dos múltiplos sentidos atribuídos a tudo que nos cerca, reconstruindo a cada momento uma nova relação com as pessoas e as coisas.

O fotógrafo observa os ornamentos. Flores são trazidas para a cena doméstica e falam do ato de cuidar, de tratar e de enfeitar, mais uma vez a transformação ocorre. A sala, a cozinha, o pequeno canto ganham identidade. Os santos e os retratos são reverenciados.

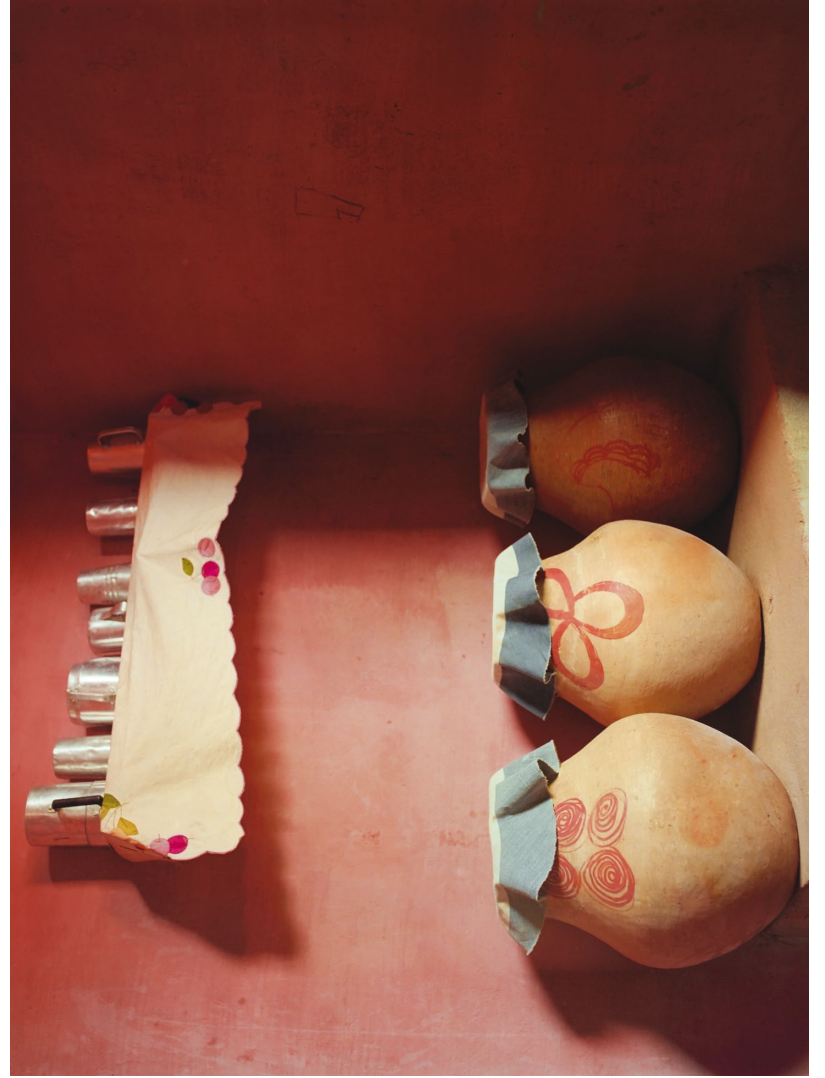
Assim como a ação humana ornamenta, com flores coloridas, uma pequena mesa, ela também se faz presente no alumínio metálico reluzente das panelas. Certamente uma mulher que já transformou farinha em alimento, areou as panelas e mostra, para quem penetra até a cozinha, o trabalho que a identifica. Mostra, para o visitante, o cuidado que ela tem pelo seu lar. As panelas penduradas, cuidadosamente limpas, contrastam com a parede carcomida pelo tempo. Os potes de barro indicam ainda outra mudança. A matéria inerte ganha vida nestes objetos domésticos, focalizados pelo olhar do fotógrafo.

A sugestão de Francisco da Costa é iniciar a visita das casas pela sala e sentar para conversar. As cadeiras já estão dispostas para isso. A refeição é preparada na cozinha. Ali mesmo, pode-se comer, não há mais espaço na casa. Banheiro e quarto completam a visita.

A pobreza de algumas casas, a imponência do mobiliário em outras ou a arrumação precisa de um espaço mínimo são trazidas em imagens como sugestão para uma observação mais cuidadosa sobre as diferenças e desigualdades sociais e sobre a capacidade humana de transformação de um espaço em um lugar de vida.































- p. 4 Casa de dona Narcisa. Januária, MG, 2006
- p. 6 Casa de dona Zezé e seu Pompeu. Candeal, Cônego Marinho, MG, 2006
- p. 10 Residência da senhora Zila Araújo Philbois. Corumbá, MS, 2008
- p. 16 Campo de Santana, Nísia Floresta, RN, 2001
- p. 17 Casa de dona Conceição. Vila Coroca, Rio Arapiuns, Santarém, PA, 2004
- p. 18 Casa de dona Lenil. Aritapera, Santarém, PA, 2002
- p. 19 Casa de dona Maria e seu Binu. Januária, MG, 2006
- p. 20 Santana do Araçuai, MG, 2003
- p. 21 Casa de seu Januário e dona Emília. Candeal, Cônego Marinho, MG, 2002
- p. 22 Santana do Araçuai, MG, 2002
- p. 23 Casa de dona Zezé e seu Pompeu. Candeal, Cônego Marinho, MG, 2002
- p. 24 Santana do Araçuai, MG, 2002
- p. 25 Localidade de Boa Vista, Município de Santo Amaro do Maranhão. Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, MA, 2008
- p. 26 Trailer de dona Cida e seu Carlos, Circo di Salles. Araraquara, SP, 2007
- p. 27 Localidade do Tetéu, Município de Santo Amaro do Maranhão. Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, MA, 2008
- p. 28 Casa de seu Manoel. Barreiros, Conceição da Barra, ES, 2000
- p. 29 Casa de dona Terezinha. Nobres, MT, 2003
- p. 30 Itinga, MG, 2003
- p. 31 Nísia Floresta, RN, 2001
- p. 32 Trailer de dona Cida e seu Carlos, Circo di Salles. Araraquara, SP, 2007
- p. 33 Morretes, Paraná, 2004
- p. 34 Seu Camilo. Nobres, MT, 2003
- p. 35 Casa de Pedro Rodrigues Ferreira (Pão). Monte Alegre, PA, 2005
- p. 36 Casa de dona Cacilda. Ponte Alta, Barra do Chapéu, SP, 2002
- p. 37 Casa de dona Maria Inês. Córrego dos Patos, Lumiar, RJ, 2008
- p. 38 Fazenda Santa Isabel, São Francisco, MG, 2005

- p. 39 Taboquinha, São Francisco, MG, 2005
- p. 40 Casa de dona Laurentina. Povoado da Mumbuca, Município de Mateiros, Jalapão, TO, 2008
- p. 41 Candeal, Cônego Marinho, MG, 2006
- p. 42 Casa de dona Narcisa. Januária, MG, 2006
- p. 43 Casa de Luzia Rodrigues Rocha. Comunidade de Gravatá, Chapada do Norte, MG, 2003
- p. 44 Casa de Glória e João. Santana do Araçuai, MG, 2002
- p. 45 Casa de dona Nitinha. Localidade de Carro Quebrado, Rio Real, BA, 2000

FICHA TÉCNICA

Fotos analógicas (p. 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 34, 36, 43, 44, 45) produzidas com equipamento Hasselblad e Nikon N90, com filme colorido Fuji NPH ISO 400, 120mm, nos formatos 6x6 e 6x4,5cm, e filme colorido Fuji NPH ISO 400, 135mm.

Os negativos foram capturados digitalmente com Back Phase One A/S P45+ de 39 MP nos laboratórios do Arquivo Nacional, RJ.

Fotos digitais (p. 4, 6, 10, 19, 25, 26, 27, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42) produzidas com equipamento Nikon D70, Canon 20D e Canon 30D.

As cópias foram impressas a laser no processo Lambda no laboratório Fotosfera RJ.

Ministro da Cultura
JUCA FERREIRA

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA

Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial
MÁRCIA SANT'ANNA

Diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
CLAUDIA MARCIA FERREIRA

Divisão Técnica
LUCIA YUNES

Coordenador do Setor de Pesquisa
RICARDO GOMES LIMA

Coordenadora do Museu de Folclore Edison Carneiro
ELIZABETH BITTENCOURT PAIVA POUGY

Coordenadora da Biblioteca Amadeu Amaral
MARISA COLNAGO COELHO

Coordenadora do Setor de Difusão Cultural
LUCILA SILVA TELLES

Divisão Administrativa
ARLETE ROCHA CARVALHO
LUIZ OTÁVIO MONTEIRO

Captura digital dos negativos
MAURO DOMINGUES E
FLÁVIO LOPES – ARQUIVO NACIONAL
FRANCISCO MOREIRA DA COSTA

Tratamento das imagens
FRANCISCO MOREIRA DA COSTA

Design gráfico
LÍGIA MELGES E RITA HORTA

Revisão
ANA CLARA DAS VESTES (ESTAGIÁRIA)

Produção do audiovisual exibido
FRANCISCO MOREIRA DA COSTA

Produção de trilha sonora
ALEXANDRE COELHO

Agradecimentos
BLACK'S FOTOGRAFIA
MARCELO LIMA
MILTON GURAN
MÔNICA MARTINS SODRÉ
SABINE BARTLEWSKI
AOS DONOS DAS CASAS FOTOGRAFADAS

Esta mostra integra a programação do Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro – FotoRio 2009

EXPOSIÇÃO

Argumento
RICARDO GOMES LIMA

Concepção
FRANCISCO MOREIRA DA COSTA
GUACIRA WALDECK
VÂNIA DOLORES ESTEVAM DE OLIVEIRA

Design da exposição
LUIZ CARLOS FERREIRA

Produção
LEILA TELES
IVANEI SILVA

Apoio a montagem
JORGE GUILHERME DE LIMA

Cenotécnica
SIDNEI E SAULO MEDEIROS

Conservação de acervo
MAGDA BEATRIZ VILELA
DANIELE SANTOS (ESTAGIÁRIA)

Apoio
ARQUIVO NACIONAL

Realização



Ministério
da Cultura



Realização

